

Educação, relações humanas e natureza: descobertas a partir de experiências em uma instituição de ensino de Psicologia

Beatriz de Paula Souza¹

As contribuições que pretendo aqui oferecer partem de temáticas da Psicologia na interface com a Educação. Após apresentar algumas delas, abordarei experiências que têm acontecido em uma escola de ensino superior, o Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo –IPUSP e descobertas e reflexões que têm proporcionado. Estas sinalizam caminhos promissores para a superação de dificuldades comuns em instituições educativas de todos os graus e para termos um ensino em Psicologia afinado com uma educação integral. Finalizarei com algumas propostas.

O modelo de escola hegemônico: raízes e crises

As dificuldades no processo escolar são especialmente agudas no Brasil: temos índices baixíssimos de efetiva aprendizagem na escolarização, revelados por avaliações nacionais e internacionais. Para além do âmbito da aprendizagem, mesmo de conhecimentos tão básicos como escrita/leitura e aritmética, as dificuldades revelam-se também nas relações cotidianas no universo escolar, com desinteresse, violência, desânimo e adoecimentos psíquicos e psicossomáticos, que atingem discentes e docentes, além dos pais/responsáveis.

De cerca de dez anos para cá no Brasil –e, há mais ou menos tempo, em outros países também-, emerge e/ou robustece-se o debate sobre estarmos diante da necessidade de mudanças de paradigmas em Educação. A vinculação do modelo hegemônico de escola ao projeto burguês meritocrático faz surgir a homogeneidade como princípio de ensino: aulas iguais em condições iguais para todos e que vençam os melhores. O individualismo no ensino (estudar cada um por si), desdobra-se da contraposição burguesa, do *self made man*, ao direito de nascença da nobreza apeada do poder.

Da racionalidade positivista, que se eleva a via única para o verdadeiro conhecimento no bojo da tomada de poder por esse grupo social, desqualificando e desbancando o clero, deriva uma escola onde sentidos/corpo e sentimentos/sensibilidade devem ser evitados porque atrapalham a razão em seu acesso ao real. Inevitáveis, tem lugar acessório e secundário; muitas vezes são tidos como dispensáveis.

Com a ruptura da aliança inicial entre burguesia e plebe, com a primazia da primeira, a escola muda de objetivos: passa a ser campo de (en)formação de mão de obra. Se assistirmos

¹ Mestre em Psicologia Escolar pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Psicóloga do Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar e Educacional –LIEPPE- do mesmo Instituto, no qual coordena o serviço Orientação à Queixa Escolar. Membro do Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade e do Grupo Interinstitucional Queixa Escolar –GIQE. E-mail: biapsico@uol.com.br

ao filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin², que retrata o modo de produção e as relações humanas no cotidiano de uma fábrica do início do século passado, de modelo fordista, traçando paralelos com a escola que conhecemos, a semelhança é impressionante. O ritmo homogêneo, a fragmentação do conhecimento, os corpos automatizados, a falta de espaço para singularidades, a verticalidade nas relações, o individualismo, a subordinação... é tudo muito claro (SOUZA, B.P. 2014, p. 299-316).

O ser humano sempre foi maior do que essa escola tende a permitir e condicionar a ser, pretendendo reduzi-lo a instrumento de produção e à sua dimensão racional. Na contemporaneidade, esse descompasso com as múltiplas possibilidades do humano se agudizam.

Antes de dizer dessa agudização, ressalvo que abordei brevemente, até aqui, fundamentos e funcionamentos do modelo escolar hegemônico que têm levado personagens da cena escolar a fracassos e sofrimentos. Porém este é um campo complexo como a vida, em que se encontram, convivem e conflitam forças diversas, que tendem a variadas direções. Assim, as escolas e todo o campo da Educação também é habitado por alegria, criatividade, idealismo, solidariedade, paixão e outros sentimentos e valores belos e bons que mobilizam quem cultiva esse campo.

Atualidade: a exacerbação de impossibilidades essenciais

Temos hoje, especialmente em uma megalópole como São Paulo, uma agudização de impedimentos de nos desenvolvermos e vivermos como seres humanos plenos. Para pensar em nossas diferentes dimensões, recorrerei à Grécia Antiga.

Gregos do assim chamado Século de Ouro de sua civilização (V A.C.) diziam de quatro dimensões básicas do humano: o *Logos* (o pensamento, a racionalidade), o *Eros* (corporeidade, sentidos), o *Pathos* (a sensibilidade, o sentimento, as emoções) e o *Mythos* (o sagrado, a religiosidade, o maravilhoso). Tal concepção encontrava-se na base da Paideia, o ideal da educação do homem grego da época, que postulava, de modo interdimensional, o cultivo de todas elas (COSTA, A.C.G. 2008).

Trata-se de uma educação que não se restringe a um único espaço, mas acontece em diversos lugares da Polis. Encontramos, hoje, na formulação do conceito de território educativo, ecos destes antigos gregos.

Há apenas uma geração atrás, embora a educação escolar acontecesse sob a égide da racionalidade (e da homogeneização e do individualismo), as crianças e adolescentes contavam com maiores possibilidades de viver suas (nossas) demais dimensões. O espaço urbano não era tão hostil como hoje e ocupá-lo era mais possível. Andar pela rua, correr, brincar livre e coletivamente (também porque as famílias eram muito maiores, tinha-se muito mais filhos), aprender em variados espaços e haver-se com o imprevisto, a irregularidade do real, eram experiências mais presentes.

Assim, usar o corpo -até para conhecer seus contornos e limites machucando-se-, desenvolver os sentidos, a sensibilidade no relacionar-se como ser inteiro e real (com cheiro, textura de pele, intensidade de toque etc.) com outros, entre outras experiências de desenvolvimento pleno, eram mais comuns.

² <https://www.youtube.com/watch?v=CozWvOb3A6E> Acesso em 15 /11/2016.

Assistimos a uma rápida mudança que confinou os educandos. Os eletrônicos como a televisão e os atuais computadores (incluindo os celulares) surgem como intensificadores do confinamento, mas também como estratégia de satisfazer o gregarismo humano, possibilitando, ao menos, relações virtuais, em um espaço e mudanças na estrutura e funcionamento das famílias que dificulta em muito os relacionamentos integrais. A rua torna-se um lugar onde raramente vemos crianças e, quando isso acontece, estão contidas por um adulto. Os responsáveis por elas têm de trabalhar e têm dificuldades para proporcionar-lhes cotidianamente oportunidades de brincar com outras crianças. As famílias, pequenas, não oferecem mais as turmas de irmãos e primos de idades variadas tão ricas de possibilidades de desenvolvimento e de suprir necessidades.

Apesar dessas e outras mudanças que vêm acontecendo rapidamente, as escolas não mudam muito. Lugar do desejado e saudável encontro de tantos educandos sedentos de se relacionar, insiste em significar a interlocução entre eles como indisciplina –como se aprender pensando juntos, trocando, ajudando-se mutuamente fosse pouco eficaz.

Insensíveis às necessidades de espaço e movimento impedidas de se satisfazer em um modo de vida confinado, as instituições escolares repetem e intensificam este confinamento, mesmo quando dispõem de amplos e belos espaços externos.

As novas tecnologias abrem mundos de informações aos educandos, em variadas linguagens, formatos e tempos, os quais eles exploraram segundo seus interesses e de modo ativo. Ou seja, possibilitam a experiência de estudar com sentido, de modo significativo. Desatentas aos impactos destes dispositivos na subjetivação de seus alunos, as escolas insistem em calá-los, pretendendo submetê-los a professores que não têm mais como sustentar uma imagem de onisciência em suas áreas -e nem mesmo de, conforme o tema abordado, saber mais que vários de seus alunos.

Quando falamos em escolas, geralmente nos vêm à mente as de Ensino Básico. Mas lembremo-nos de que as de Ensino Superior também têm esse nome. Portanto, isto inclui o IPUSP.

Novamente, retomo que não é só isso que ocorre nas escolas e que estas instituições são sempre complexas e campo de forças que se encontram e desencontram, em relações de colaboração, de contradição e paradoxais. Mas trato aqui de funcionamentos que se encontram na base de diversos fracassos e sofrimentos. Entendo que sua identificação e compreensão podem ser úteis para superá-los.

A problemática em questão é complexa e, como tal, demanda soluções de diferentes naturezas, enfocando distintos aspectos do ensino. Experiências bem sucedidas em outras instituições podem ser inspiradoras, mas certamente atentar ao que acontece de vital e potente no próprio Instituto é fundamental para que encontremos caminhos que vão ao encontro de nossas características e necessidades. Estas sempre terão um grau de singularidade cuja consideração poderá trazer a criação de soluções que nos sejam significativas e, por isso, genuínas. Por acreditar nesta via, passo a trazer algumas observações e descobertas de acontecimentos criativos no IPUSP que têm me chamado a atenção por estarem plenas de desejo e vitalidade.

Em busca de soluções

Acontecimentos que indicam caminhos

O Instituto de Psicologia é um lugar espacialmente privilegiado: diferente de muitas Instituições de Ensino Superior -IES, tem suas instalações entremeadas de espaços verdes. Eles dão leveza, beleza (quando não estão des ou mal cuidados) e humanidade a seu conjunto, com uma imensa potencialidade para fazer dele um espaço de encontro e ensino com essas características.

Alguns de seus prédios, como o Bloco G, contam com muitos terraços, a maioria deles transgredindo a separação imposta pelas paredes que separam quem está, por exemplo, nos Laboratórios que contam com eles. Têm, portanto, potencial de promover experiências bonitas e relaxantes para quem frequenta as salas que contam com eles: dão para um jardim que tem, no momento, uma alegre primavera, uma amoreira pintadinha de frutinhas que atraem pássaros e canteiros bem cuidados, além da vista para os verdes lados da praça do relógio e para o céu. Poderiam, também, promover maior integração entre as pessoas que normalmente estão dentro das salas, sem se verem ou conversarem.

Como relatei anteriormente, frequento o IPUSP desde 1975, com raros períodos de afastamento longo. Passei a integrar seu quadro funcional em 1988. Até muito recentemente, não me lembro de ver seus espaços verdes ocupados, a não ser como lugares de passagem. Ah, sim: vez por outra vi seus frios e angulosos bancos de concreto sendo utilizados, assim como uns poucos bancos de madeira, mais recentes.

Os terraços de tantas potencialidades são, via de regra, nada mais do que um enfeite arquitetônico. Estão geralmente desertos de gente e de qualquer coisa viva, com raras exceções.





A transformação de um espaço pouco habitado: a horta e o jardim

O terreno entre a Biblioteca e o Bloco A/Didática tornou-se, recentemente, palco de cenas novas no IPUSP. Lá havia apenas um gramado, umas árvores e alguns bancos e era, como os outros muitos espaços verdes que o Instituto possui, um lugar pouco frequentado, não muito mais do que uma passagem.

A partir de iniciativa principalmente de alunos da graduação, mas também com a participação de funcionários³, que passou por atividades de arrecadação de fundos, como brechó e venda de cadernos artesanais, e gestão junto à Congregação do Instituto, esse local ganhou muito mais vida. Há uma pequena horta, que já rendeu colheitas, um milharal e novas plantas frutíferas crescendo.

³ O núcleo central desse movimento é composto pelas alunas e aluno de graduação Laura Saad, Luiza Limongi, Patricia Moura Fernandes Silva e Ayrton de Oliveira, além dos funcionários Maria Jailza Santos Cabral e Wanderley Correia de Moraes.



Os bancos multiplicaram-se, agora com simpáticos e às vezes ornamentados tocos de uma árvore que caiu. Dispostos em círculo, convidam ao encontro em grupo, o que não acontecia com os anteriores. E, inusitadamente, encontramos um pequeno playground, composto de um trepa-trepa e um balanço de pneu amarrado a um galho de árvore. Tudo enfeitado com fitas, placas artesanais e ornamentos diversos, que imantam o lugar com humanidade e afeto.



Foto: Henrique Avello Lolo

Imersa e organicamente ligada a essa transformação do espaço, encontramos muito mais vida humana. Nos intervalos das aulas principalmente, povoa-se de alunos que se sentam gostosamente em seus bancos em círculo ou no chão, conversam no alto do trepa-trepa, refestelam-se na grama para repousar e divertem-se com o balanço. Tenho frequentado esse espaço e são momentos de leveza e descontração que me alimentam o corpo e o espírito.





Uma das idealizadoras e executoras desse projeto, a aluna da graduação Luiza Limongi, escreveu um pequeno e belo texto a respeito (2015), de que extraio alguns dos objetivos que tinha, juntamente com outros do coletivo que o criou e implantou, ao engajar-se nele:

A horta pode entrar nessa perspectiva (*de humanização das relações*) com grandes contribuições no sentido de gerar um espaço de confraternização, discussão, conversa, diálogo. Isso mitiga e dissolve o sofrimento por tratá-lo em grupo, na realidade, no tempo e no espaço da instituição IP. A horta promove uma coletividade muito sadia, que pode quebrar com uma dinâmica de grupos fechados tão instituído no IP. A horta visa canalizar energia boa e descarregar energia ruim. Essa energia ruim dessa segregação, das opressões, de disciplinas desatualizadas e sem sentido... Essa energia boa de todo mundo junto construindo uma coisa bonita e gostosa que ocupa nosso espaço. Nada como pegar numa enxada, pra dar uma descarregada e alumiar as ideias!

...é um meio de lidar com um lugar onde falta poesia, criação, coletividade, concretude, humanidade, solidariedade... E isso é uma demanda coletiva!!!! Todas essas formas são modos de trazer a realidade, de lidar com as relações do IP dialogando enquanto coletivo, num espaço ocupado por nós. Viver as relações, não teorizá-las...

O texto sugere que estamos diante de um fruto das discussões de 2015 sobre sofrimento psíquico gerado nas relações institucionais/escolares. Ao que vi, este projeto está se mostrando capaz de caminhar de forma importante na direção de seus objetivos. Diversas de suas características contribuem para isso, como o fato de ser fruto de ação coletiva e de caráter transformador. Mas chamo a atenção para o fato de envolver natureza e espaço aberto. São elementos que, por si, tendem a convocar *Eros*: o corpo e os sentidos (imersão em uma riqueza de cheiros, texturas e sons que não temos nas salas de aula, mais “assépticas”, provavelmente para não atrapalhar a *Razão -Logos*), assim como a afetividade/sensibilidade (*Pathos*) e mesmo a maravilha/o sagrado (*Mythos*). Enfim, a possibilidade de cultivo do ser humano em sua integralidade.

É instigante notar algo que não fazia parte do projeto e aconteceu intuitivamente: quando o grupo organizador foi comprar os materiais para dar início aos trabalhos, encontrou um trepa-trepa e resolveu adquiri-lo. Foi instalado em meio à horta-jardim e tornou-se um sucesso: é comum observar-se alunos em grupo conversando descontraidamente, muitas vezes discutindo conteúdos científicos das aulas, instalado na parte superior desse brinquedo.

Uma brincadeira puxa outra e, tempos depois, surgiu um balanço de pneu apoiado no galho de uma árvore do lugar, também um sucesso. Brincadeiras com bambolês acontecem por lá.

Haverá uma ligação entre contato com natureza e ludicidade?

O projeto do Cobogó/Orquidário do CEIP

O projeto de um orquidário no Centro-Escola do Instituto de Psicologia da USP -CEIP, em que estão alocados os serviços do Instituto à comunidade, foi proposto há alguns anos por um lindo ser humano que habita o Bloco D: o funcionário Paulo César de Paiva, um apaixonado por vida. Amorosamente, poda as roseiras dos jardinzinhos deste Centro, cuida de suas plantas nos espaços externos e internos e de seus peixinhos.

Nesse projeto, que não foi adiante apesar do baixo custo, lemos o seguinte objetivo: “Proporcionar aos usuários do Centro Escola um espaço para apreciar a exuberância da natureza em forma de orquídeas”. Encontramos, portanto, mais um indício da necessidade de maior presença e valorização de elementos naturais no IPUSP, aproveitando melhor seu espaço de tantas potencialidades nesse sentido. Essa condição, rara, pode fazer do IPUSP um lugar absolutamente especial de formação de novos psicólogos, mais do que já é. Basta pensarmos como costumam ser as instalações das demais instituições: ao que sei, na maioria são prédios enormes e inóspitos, com muito pouca ou nenhuma área verde e aberta.

Atividades didáticas promissoras

Passo a discorrer e refletir sobre experiências que têm ocorrido no âmbito da Orientação à Queixa Escolar –OQE, um serviço à comunidade a que estão vinculadas diferentes atividades de ensino-aprendizagem de Psicologia: de estudo e de atendimentos supervisionados. A horta/jardim/playground e o projeto do Cobogó/orquidário dizem da potência e potencialidade do uso de espaços verdes e ao ar livre. Restava o desafio de criar modos de experimentá-los no corpo das atividades didáticas e mais diretamente formativas (não gosto desse termo, lembra “por na forma”, mas não me ocorre outro no momento), avaliando seus efeitos.

O que apresentarei agora mostra que é possível, extremamente fértil e revolucionária, a imersão de atividades de ensino-aprendizagem em espaços abertos e verdes, de que o IPUSP é pródigo.

No fim do semestre passado, um dos atendimentos do curso OQE⁴, de uma dupla de crianças, teve seu encerramento na área verde em frente ao CEIP. Chamou a atenção da psicóloga Elaine S. da S. Molero, que o conduziu, a mudança das crianças nessa ocasião: estavam mais tranquilas, serenamente felizes, mais próximas e concentradas do que o habitual. O que terá sido efeito do ambiente em que essa atividade foi realizada e o que de ser uma despedida/fechamento? Interessante observar que Elaine vive em uma cidade do interior paulista com muitas áreas rurais: Cabreúva. Isto provavelmente facilita seu gosto por ambientes naturais e sua sensibilidade para perceber quando eles podem ser benéficos a alguém. Assim, penso que o fato de ter sido ela a fazer essa experiência pioneira não foi mero acaso.

Instigadas pela beleza do que Elaine relatou, a turma do Curso de Aperfeiçoamento em OQE (a que ela pertencia) decidiu fazer também seu encerramento, em junho passado, no mesmo local: um piquenique no gramado.



Para além de momento de confraternização e despedida, foi ocasião de efetivo trabalho. Sentadas em cangas e esteiras em uma sombrinha agradável suavemente pontilhada de raios de sol, entre árvores e pássaros, realizamos uma extensa atividade de avaliação. Chamou-me a atenção o quanto estavam todas muito concentradas e a qualidade do trabalho realizado. Dei-me conta de que pensava, erroneamente, que a atenção “sairia voando” em um espaço aberto. Conversando sobre como fora para o grupo trabalhar nessas circunstâncias, o prazer foi o mais imediatamente apontado. Algumas pessoas disseram que o relaxamento proporcionado favoreceu a concentração. A psicóloga Roxana C.T.A. Menezes, a mais nova da

⁴ Turma do curso de Aperfeiçoamento OQE de agosto de 2015 a junho de 2016: Adalberto da Silva Alves, Beatriz Araújo de Macedo, Elaine Soares da Silva Molero, Iara Susi Maria Silva, Júlia Calderazzo, Juliana de Souza Vilela, Kenia Maria Fernandes Honório, Marina Barbosa da Cruz Teixeira, Roxana Christeo Tavares Amorim Menezes e Talita Giacomini

turma, recém-formada, disse que se essa atividade tivesse acontecido na sala de aula, ela teria olhado o celular diversas vezes e antes do final estaria cansada e com vontade de ir embora. Atribuiu o fato isto não ter ocorrido ao lugar, que lhe proporcionou a sensação de que o tempo não passava, calmo. Dei, aqui, relevo a ela ser a mais nova da turma porque penso ser um indicativo da fertilidade de se trabalhar dessa maneira com alunos de graduação em especial.

Mais uma vez, ficou-me a dúvida sobre o quanto o transcorrer produtivo e prazeroso desta atividade teve relação com ser uma despedida/encerramento. Só havia uma maneira de saber: experimentar o trabalho nesse ambiente em outros momentos de atividades com psicólogos em aperfeiçoamento e alunos da graduação.

Experimentando intensamente

Iniciei todos os meus trabalhos do segundo semestre, na nova edição do curso OQE, na disciplina Estágio Supervisionado I, no Grupo de Estudos em OQE, na parte prática da disciplina Psicologia e Educação, no projeto de apoio OQE à permanência estudantil e outros (ou seja, tudo o que faço em minhas funções como psicóloga do Laboratório Insterinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar –LIEPPE- do IPUSP)⁵, atenta às oportunidades de fazer essas experimentações (quando apropriadas) e observar seus efeitos.

Sempre que as condições climáticas, a altura da grama e o tipo de atividade permitia (o que, conforme a época, foi raro), propunha o trabalho ao ar livre, no gramado. De preferência, fazia a proposta com antecedência aos participantes, dizendo que se a aceitassem construíssemos juntos sua execução: que levassem cangas, esteiras, almofadas ou o que quisessem para trabalharmos sentados na grama. Cangas e isolantes de sacos de dormir passaram a habitar permanentemente o porta-malas do meu carro.

⁵ Turma do curso de Aperfeiçoamento OQE de agosto de 2015 a junho de 2016: Alberto Borges Valente Neto, Fabiana Palma, Iara Rodrigues Santos de Souza, Jéssica Almeida Marques Ferreira, João Ricardo Teixeira Leite de Souza, Karoline Antonia dos Santos Silva Strauss, Michele Tognini Navarro, Rafael de Lira Carreteiro, Rita de Cássia Akinaga Cordeiro e Thaís Ribeiro da Silva.

Turma do Grupo de Estudos OQE 2016: Ana Cristina Tavares de Oliveira, Ana Farias Ferrari, Andressa Fernandes da Silva, Bartholomeu de Aguiar Vieira, Carolina Sakiyama, Caroline Felipe da Silva Lima, Claudiane Claudino Freitas, Cristiane Luiza de Carvalho Santana, Helena Silvestrin (graduação IPUSP), Josiane de Paula Jorge, Juliana Thomaz Batista, Letícia Gonçalves da Silva, Max Awenzstern Fonseca, Mirella Cobellis Chilá, Patricia Santos de Souza Delfini, Priscila Figueiredo Belinski, Renata Galves Merino Kallas e Roseli Aparecida Monaco.

Alunas da disciplina Estágio Supervisionado I, em OQE: Cecília Peres Boschetto, Cristiane Uemura, Giulia Maluf, Jeny Kim, Kelly Tanigushi, Marina José Abud, Melissa Gabrielle Costa de Azevedo, Renata dos Santos Bonatto, Thaís Yurie Ishikawa.

Psicólogos da SAS, da equipe de OQE –Apoio à Permanência Estudantil: Laiz da Silva Chohfi e Cesar Dias de Oliveira.



A surpresa era uma unanimidade, acompanhada por dois tipos de reação, conforme a pessoa: a grande maioria respondia de imediato que sim, com alegria e espírito lúdico, de diversão (o que me faz novamente pensar que não é um acaso da horta/jardim dos alunos ter brotado um playground). Alguns, no entanto, ficavam inseguros. Procurei sempre ser cuidadosa, convidando essas pessoas a experimentar, mas garantindo o respeito a quem se sentisse mal. Todos quiseram.



Ao final das atividades, fazíamos uma avaliação.

Os que apresentaram essa última reação (desconforto e insegurança iniciais) foram fonte de interessantes descobertas. Darei dois exemplos representativos: Alberto B. Valente Neto, do curso OQE, falou que percebera que sua estranheza e o fato de não gostar da ideia no princípio tinha relação com as grandes rupturas paradigmáticas contidas na proposta, sobre as quais discorrerei mais adiante. Essa primeira experiência foi-lhe intensa, produzindo resgates e ressignificações. Avaliou que lhe foi muito enriquecedora. Rafael de L. Carretero passou por processo parecido, nesta e em ocasiões posteriores, e tornou-se um defensor entusiasmado deste modo de trabalho, incorporando-o como possibilidade à sua prática como psicólogo, sobre a qual também tratarei mais adiante.

Para expor e refletir sobre os efeitos produzidos nesse ambiente de trabalho, usarei como organizadoras as quatro dimensões do humano na Paideia: *Logos* (pensamento, racionalidade), *Eros* (o corpo, a sensorialidade), *Pathos* (a sensibilidade, o afeto, as emoções) e *Mythos* (o sagrado, a maravilha). Deixarei o *Logos*, dimensão especialmente importante no âmbito da universidade, por último, a fim de facilitar a compreensão de como esta pode ser ressignificada e enriquecida quando as demais estão avivadas em simultâneo.

O que passo a discorrer a respeito é fruto de um trabalho coletivo, empreendido por meus companheiros de experimentações e eu.

Eros: o corpo, a sensorialidade

Trabalhar nessas condições é um (re)encontro com o corpo. E com sua “supressão” e docilização cotidiana. Não estamos acostumados a nos sentar no chão, então de imediato temos de procurar uma posição confortável para isso, experimentando-o, movimentando-o, sentindo-o. Este reavivamento parece abrir uma porta para essa exploração: em todos os grupos a maioria tirou distraidamente os sapatos e encontrou-se com seus pés: movimentavam os dedos, olhavam e mexiam neles, aparentemente sem se darem conta disto.

O hábito de contenção e desatenção corporal das salas de aula fez-se sentir na primeira vez de cada grupo. Acostumados às condições controladas desses lugares, permaneciam sofrendo de calor e ofuscamento quando o sol mudava de posição, sem perceber que estavam em uma situação diferente, dinâmica, que convocava a atenção ao corpo. Este dizia claramente que era preciso mudar de posição, mas era como se essa mensagem não tivesse espaço em uma situação de ensino-aprendizagem acadêmica. Ficava pairando, como se fosse estranha, não pertencente ao contexto.

O mesmo acontecia quando o corpo avisava que era preciso ser movimentado para não ficar dolorido após muito tempo na mesma posição. Eu mesma permaneci, em uma das primeiras vezes, por duas horas sentada na mesma posição. Quando, ao fim da atividade, tentei me levantar, descobri estava dolorida e tive dificuldades para fazê-lo sozinha. Outros queixaram-se de dores nas costas e outros incômodos advindos de não termos dado ouvidos ao que nosso corpo nos dizia.

Aprendemos com esses acontecimentos e nos adaptamos à nova situação, agora mais atentos e conhecendo melhor nosso funcionamento corporal. Foi um exercício de atenção a singularidades e dinamismo de situações e da necessidade de flexibilidade e criatividade para nos adaptarmos a elas.

Essa lição frutificou, por exemplo, ao percebermos que a grande e linda mesa de uma sala que usávamos nos atrapalhava, obrigando muitos a ficarem apertados e incômodos. A deslocamos e ficou muito melhor. Foi a primeira vez que vi isto acontecer, desde que conheço aquela sala, sendo que já participei de inúmeras atividades nela em que esse mesmo procedimento teria deixado grupos maiores ainda bem mais confortáveis. Penso que a rigidez que aprendemos na vida escolar é uma grande responsável por essa flexibilidade e criatividade no uso do espaço não ter se manifestado antes.

Em outra ocasião, chamou-me a atenção a aflição das participantes de uma supervisão com a possibilidade de tocar a grama com os pés. Ao final da atividade, ao se prepararem para sair da canga, punham seus calçados de uma maneira incompleta e incômoda, para poderem

atravessar um trecho gramado até um banco, sentadas no qual seria mais fácil calçá-los direito. Sem entender a situação, pisei na grama para investigar o que seria tão complicado. Não descobri nada. Aprendemos a ter medo da natureza?

Segundo Richard Louv (2016), importante divulgador de pesquisas sobre o impacto negativo da falta de natureza na vida das crianças, autor traduzido para 15 idiomas, sim. Cita, como exemplo, um depoimento do naturalista Jerry Schad:

Todo semestre eu convido os alunos da disciplina de pesquisa em ciência física na Faculdade de Mesa para uma viagem ao Observatório Mt. Laguna. (...) Conforme os anos passam, cada vez menos alunos têm qualquer noção do que há ali, uma hora a leste de San Diego. Hoje relativamente poucos já viram a Via Láctea até (talvez) fazerem essa viagem. A maioria fica muito impressionada com o que vê e aprende mas, para um número considerável, o passeio é totalmente assustador. Diversos já compararam as árvores da floresta ao entardecer com cenas de *A Bruxa de Blair*. (SCHAD, J. *apud* LOUV, R. 2016, p. 150)

A natureza tem seus riscos. Bichos desagradáveis, por exemplo. Encontramos vários: formigas, centopeias e outros. Até mesmo labradores molhados que, uma vez, nos derrubaram e encheram de água, baba e pelos (mas esse acontecimento não foi só desagradável, foi engraçado também). Aprendi a sempre levar um repelente junto com as cangas, para oferecer a quem quisesse ou precisasse.

O espaço aberto e verde revelou sua multissensorialidade.

A sonoridade de pássaros variados e outros bichinhos nos encheram suavemente os ouvidos. Cantos de sabiás, bem-te-vis, rolinhas e outros faziam um delicado fundo musical às nossas interlocuções, misturando-se aos habituais sons de gente e carros.

A pele afetava-se por mudanças de temperatura, a que ficamos mais expostos, assim como a brisas e ventos, irregularidades do chão, picadas de insetos e outras experiências que convocavam nosso tato.

A visão, nosso sentido preponderante, povoava-se com uma multiplicidade de imagens, muitas delas dinâmicas, e cores: o céu, o sol, as nuvens; árvores de diversas espécies, inclusive amoreiras e nespereira carregadas de frutinhas, vegetação rasteira de tipos e tamanhos variados; pássaros diversos, inclusive pica-paus que por vezes cismavam com carros e tentavam insistentemente fixar suas patinhas neles. Eram cenas e cenários ricos, imersos nos quais aprendemos a trabalhar, sem a “assepsia” do interior dos prédios.

Ana Farias Ferrari, do Grupo de Estudos OQE, fez uma bonita reflexão. Deu-se conta de que experimentamos o processo inverso ao que passam as crianças nas escolas comuns, em que precisam aprender a “perder” o corpo e os sentidos. Brilhante.

Pathos: a sensibilidade, o afeto, as emoções

Uma sensação frequentemente relatada foi a de relaxamento e leveza. A calma, a paz do ambiente aberto e verde nos impregna e parece favorecer o fluir do afeto entre os que compartilham esses momentos. Distraidamente mexer nas folhinhas da grama e fazer esculturazinhas com elas, como aconteceu com João R.T.L. de Souza, sentir sua textura e a de outros habitantes desses lugares, foram acontecimentos que falaram dessa leveza.

Isso vai ao encontro de pesquisas que apontam efeitos relaxantes de contatos com a natureza, ainda que breves. Por exemplo, um grupo de pesquisadores japoneses encontrou que bastaram vinte minutos de caminhada em uma floresta, ou mesmo apenas de contemplação de sua paisagem, para baixar indicadores fisiológicos de tensão (nível de atividade da área cerebral pré frontal e de cortisol na saliva) de seus sujeitos, quando eles, antes disso, estavam em meio urbano (PARK, TSUNESUGU, KASETANI, HIRANO, KAGAWA, SATO, MIYAZAKI. 2007, p. 123-128). Encontramos outras pesquisas citadas no artigo do Portal G1 intitulado *Cientistas japoneses afirmam que “banho de floresta” combate doenças*. O subtítulo nos informa sobre como o contato com a natureza está se tornando uma política pública em saúde no Japão: *Japão certifica florestas como local de tratamento. A ideia é usar a medicina preventiva para reduzir gastos do sistema público de saúde* (2013).

Giulia Maluf diz dessa sensação do seguinte modo: “espero que amanhã não esteja chovendo e a supervisão possa ser a céu aberto. Falei muito sinceramente quando disse que as sinto terapêuticas. Às vezes os atendimentos e a rotina podem ser angustiantes”.

Foi bonito observar que em todos os grupos, sem combinar, as pessoas foram tirando os sapatos, por vezes apoiavam-se umas nas outras e a própria situação de sentarmos no chão convidava a uma postura corporal relaxada. A informalidade se instalava e, junto com ela, parecia vir a intimidade.

A associação com sentir-se um pouco criança é uma possível explicação para a facilidade com que um clima favorável a risadas acontecesse. Parece, então, não ser coincidência o playground dos alunos do IPUSP ter surgido da horta/jardim. Juntando-se à intimidade, esse clima provavelmente favoreceu que agrupamentos de pessoas que não se conheciam rapidamente se tornassem grupos com relações próximas, afetuosas e colaborativas em um tempo significativamente mais curto do que venho observando em muitas turmas anteriores.

Como do corpo e dos sentidos, essa experiência parece favorecer o avivamento dos afetos e possibilitar um mundo de emoções.

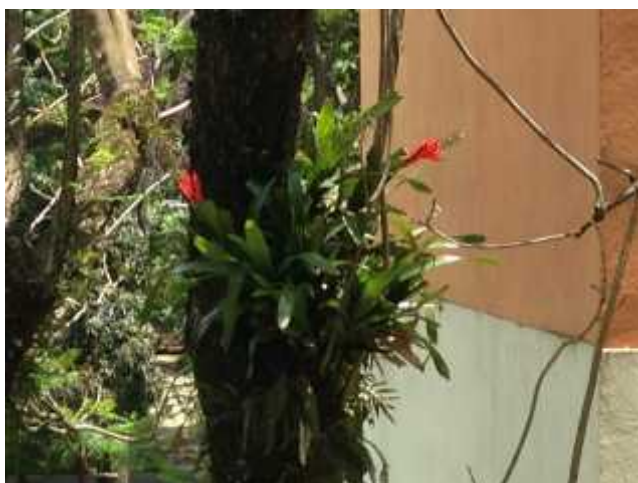
Mythos: o sagrado, a maravilha

Entre pessoas e autores que têm a natureza como temática importante em suas vidas e obras, é comum encontrarmos o sentimento religioso associado a ela, como ocorre no estudo de Kleber D. Barretto (2002). Este trabalho facilita compreender por que. Estamos imersos em beleza e na imensa complexidade e riqueza do mundo natural. Se nos deixamos afetar por esses aspectos dele —e a maioria evidentemente fazia isso, olhando em torno, observando passarinhos, árvores imensas e bonitas nas quais nunca tinham prestado atenção— suas faces expressam o encantamento em que se encontram.

Assim, silenciemos por um momento em meio a uma supervisão, atraídas pela visão de um balãozinho vermelho que flutuava calmamente no céu, levado pelo vento. Entrelhamo-nos e dissemo-nos, sem falar, que fomos companheiras naquele momento de magia. E retomamos a discussão, sem prejuízos e, possivelmente, com ganhos.

Em outras ocasiões similares, para além dos olhares embevecidos e dos sorrisos que os acompanham, alguns falam claramente da beleza revelada, em cenários que vários deles conheciam mas ao mesmo tempo não, pois nunca tinham se deixado envolver por eles, observando e deixando-se afetar por seus sons, movimentos, formas, habitantes e amplidão.

O terraço do primeiro andar do Bloco G também permitiu esse tipo de vivência: felizes e encantados, descobrimos as lindas flores de cores vivas -vermelhas e amarelas- de uma bromélia na grande tipuana em frente, nunca antes notada por nós.



Um sentimento de encontro com o sagrado perpassa.

Logos: pensamento, racionalidade

Como acontecera na experiência de avaliação do curso OQE do ano passado, confirmamos que a atenção e o pensamento não saem voando pelo espaço aberto, incontidos por não haverem paredes.

Houve quem achasse mais difícil manter-se concentrado em um lugar em que tantos acontecimentos e presenças são simultâneos a tarefas que exigem do intelecto. Mas foram exceções. Como Roxana no semestre passado, vários disseram que se concentraram mais do que o fariam na sala de aula.

Vale registrar que, em duas ocasiões, tivemos dificuldades importantes para manter a concentração. Um dia, um grupo de supervisão decidiu trabalhar na horta. Descobrimos que fazer isso quando vai ter intervalo das aulas da graduação não é bom. Muitos alunos aproveitam esse momento para frequentá-la e ficarem gostosamente por lá, espairecendo, conversando e mesmo repousando. Pegamos nossas cangas e nos mudamos para um canto mais sossegado. Outra vez foi no episódio dos labradores molhados, que relatei anteriormente.

Refletindo sobre efeitos dessa experimentação sobre o pensamento, vários disseram de uma fluidez, de uma outra maneira dele ocorrer. Demo-nos, também nessa reflexão, conta de que a sala de aula lembra um pouco os ambientes de privação sensorial utilizados em certos experimentos. É coerente com uma proposta de escola racionalista, fundada na ideia cartesiana de que sentidos, sentimentos, corporeidade e mística são obstáculos ao *Ratio*, que deve ser buscado em sua forma pura.

Vale assinalar que experimentos de privação sensorial, com seres humanos e com outros animais, tendem a produzir sofrimento, desorientação e transtornos mentais⁶. As

⁶ Vide, por exemplo:

consequências podem ser tão terríveis que esta situação tornou-se técnica de tortura, utilizada em prisões como Guantánamo e Abu Ghraib⁷. Estamos, portanto, diante de outra forma de conhecer e pensar. Integral, é coerente com as bases teóricas da OQE e do tipo de Educação que os atendimentos apontam como mais capaz de contemplar as necessidades dos que procuram nossa ajuda porque sofrem ao não se encaixar nas escolas convencionais.

Haverão repercussões sobre o tipo de conhecimento que estamos produzindo nessas condições? A lógica diz que sim, que devem emergir uma produção mais ligada à vida em sua pujança e complexidade.

Deixei por último as considerações sobre essa dimensão humana, o *Logos*, dentre as quatro que o conceito de Paideia nomeia, por sua especial importância dentro desta Universidade, uma vez que o Ensino e a Produção de conhecimento são dois de seus três eixos de sentido. A seguir exporei desdobramentos no âmbito do terceiro deles: a prestação de serviços à comunidade.

Finalizo essa parte com palavras da psicóloga Letícia G. da Silva, do Grupo de Estudos OQE: “para mim, sol é vida. É um outro jeito de aprender”.

Repercussões nos atendimentos psicológicos

Desde seus primórdios, a OQE funda-se na concepção do ser humano como multi e interdimensional, que tem sua subjetividade constituída na relação com seu meio -o que inclui necessariamente a sociedade, suas instituições, grupos e relações, histórica e culturalmente marcadas.

Assim, conhecer e, se necessário e demandado, intervir na vida cotidiana daqueles que buscam nossos serviços -e não apenas no que diz diretamente respeito à suas vidas escolares-tem-nos sido uma preocupação constante. Esse modo de trabalhar há muito tem nos revelado rotinas maçantes e empobrecedoras de muitas das crianças e adolescentes que atendemos na OQE e seus efeitos prejudiciais ao desenvolvimento físico e mental. Tornou-se comum, nos atendimentos, pensar e sugerirmos mudanças possíveis nesse dia-a-dia. Essa atenção é bem recebida e contribui para superar sofrimentos.

Este ano, no entanto, ampliou-se exponencialmente nossa percepção do frequente enclausuramento, solidão e insuficiência de espaços e momentos de brincadeiras e outras atividades importantes para o pleno desenvolvimento e saúde, física e mental, dos que procuramos ajudar. Parece claro que a maior sensibilidade a esta grave problemática da infância e adolescência urbana contemporânea é fruto de nossas experimentações, que

LEIDERMAN, H., MENDELSON, J.H. WEXLER, D., SOLOMON, P. Sensory Deprivation: Clinical Aspects. *AMA Arch Intern Med.* 1958; 101(2), p. 389-396.

METZGER, W. Optische Untersuchungen am Ganzfeld. *Psychologische Forschung*, 1930, Vol.13(1), p.6-29

⁷ Vide, por exemplo:

Torturas de Guantánamo praticadas dentro dos EUA. Revista eletrônica *Fórum*, 8 de fevereiro de 2012. http://www.revistaforum.com.br/2012/02/08/torturas_de_guantanamo_praticadas_dentro_dos_eua/ (Acesso em 15/11/2016)

GORDON, A.F. Abu Ghraib no coração dos EUA. Jornal online *Le Monde Diplomatique*, 01 de novembro de 2006. <http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=1930> (Acesso em 15/11/2016).

trouxeram para o plano vivencial os efeitos do que faz falta a muitos desses meninos e meninas.

Encontramos informações sobre esse flagelo atual, por exemplo, no estudo sobre a rotina de mais de 12 mil crianças de dez países, inclusive o Brasil, realizado entre fevereiro e março de 2016 pela agência independente de pesquisa de marketing Edelman Berland⁸. Revelou que 56% das crianças passa uma hora ou menos e 20% passa 30 minutos ou menos brincando ao ar livre. Uma em cada dez crianças nunca brinca do lado de fora. Como parâmetro, informa que o período que presidiários dos Estados Unidos têm de banho de sol diariamente é de duas horas por dia.

Adoecimentos decorrentes desse modo de vida, que inclui outras características nocivas à saúde e ao desenvolvimento, foram analisados com brilhantismo pelo pediatra Daniel Becker (2016), da Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ, em sua fala no I Seminário Criança e Natureza, promovido pelo Instituto Alana. Vale conferir.

A sensibilidade à problemática do enclausuramento infanto-juvenil na cidade grande, aliada à flexibilidade para se adaptar às singularidades de cada situação, que nossas atividades no gramado possibilitaram desenvolver, traduziu-se rapidamente em atividades ao ar livre em vários atendimentos.

Um menininho de quem há muitas queixas que não para sentado na classe e sai mostra-se aflito e inquieto na sala de atendimento. Seu pedido de sair um pouco é prontamente atendido. Brinquedos e jogos são levados para o gramado e, lá, ele revela uma capacidade de se concentrar que o teste padronizado a que foi submetido por uma neuropsicóloga e as observações de sua professora não parecem suspeitar que tem. Como aconteceu conosco, uma calma sobrevém e o modo atento com que então joga damas com sua terapeuta contraria o resultado do teste, que o colocara no percentil 1 para sua idade, um nível gravemente deficitário cuja “identificação” arou o terreno para brotar um diagnóstico de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade. Mostrou, ainda, que se respeitado e satisfeito em sua saudável necessidade de movimentar-se e estar em espaços abertos e verdes, espontaneamente pede para voltar à sala de atendimento e, daí até o fim do encontro com sua psicóloga, as atividades em ambiente fechado transcorrem com maior tranquilidade. Foram acontecimentos que possibilitaram uma resignificação do comportamento inquieto que mostrara antes e que se repete na sala de aula e na testagem a que fora submetido.

Esse menininho nos questiona sobre o quanto nós, psicólogos, temos repetido e aprofundado o aprisionamento que adoce e/ou favorece diagnósticos medicalizantes de necessidades legítimas e saudáveis de legiões de crianças e adolescentes. Não por acaso, diversos outros atendimentos realizados neste mesmo semestre incluíram, com efeitos benéficos e belos, momentos na área verde em frente ao Centro Escola do Instituto de Psicologia –CEIP, onde os atendimentos acontecem.

Outro exemplo: o de uma criança que ganhou, nas supervisões, o apelido de Menino Passarinho. Na sala de aula, merecia o adjetivo avoado: “avoava” janela afora, juntando-se aos pássaros que tanto ama e sobre os quais tanto sabe: nomes, cantos, hábitos. Aprendera sobre

⁸ Presidiários passam mais tempo ao ar livre do que crianças. *Portal EBC* (Empresa Brasil de Comunicação), 03 de junho de 2016. <http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2016/06/presidiarios-passam-mais-tempo-ao-ar-livre-que-criancas-afirma-campanha> Acesso em 15/11/2016).

eles em seus muitos contatos com o meio rural, que tem a felicidade de frequentar nas férias escolares, quando seu avoamento some. Esse menino atento, intelectualmente vivo e bom aprendiz (o contrário do que em sua escola se diz dele e do que seus pais foram convencidos) revela-se assim nas atividades de ornitólogo amador desenvolvidas no decorrer do atendimento, possibilitando, à psicóloga e a ele próprio, a construção de um olhar que identifica e reconhece capacidades que haviam se tornado invisíveis.

O trabalho segue agora para, simultaneamente à continuidade dos encontros com o Menino Passarinho, a realização de intervenções junto a sua família e a sua escola. Construiu-se uma versão mais potente sobre ele que, além disso, emerge desse processo fortalecido. A psicóloga tem informações e sugestões potencializadoras para oferecer aos demais envolvidos na situação. Temos a expectativa de que, com um manejo cuidadoso, estes elementos conquistem uma mobilização da rede de relações no seio da qual a queixa e o encaminhamento se produziram, no sentido do desenvolvimento de todos os envolvidos -um movimento que se sustente sem mais necessidade da OQE. Isto ocorrendo, estará cumprido o objetivo dessa modalidade de atendimento psicológico a queixas escolares (SOUZA, B.P. 2007, p. 100).

Considerações finais e algumas ideias

Retomemos o ponto de partida deste artigo: o modelo convencional de escola encontra-se em crise, o que inclui o ensino de nível universitário, no qual o IPUSP se insere.

Os acontecimentos e experiências relacionados à integração dos espaços abertos e naturais do Instituto no cotidiano de sua comunidade, como lugares de atividades de lazer ou didáticas, todas elas formativas, têm se mostrado um caminho fértil para reinventar as práticas escolares que nele acontecem. Os efeitos sinalizam que podem propiciar que o ensino-aprendizagem e a contínua invenção da Psicologia aconteça de modo melhor para todos.

Imersos nestas experimentações, os participantes tendem a ter uma presença mais plena, viva e integral. Predominantemente, vinculam-se com maior facilidade e vigor com as pessoas, os conhecimentos e sua produção e transformam suas práticas. Apropriam-se dos lugares, exploram-nos, conhecem-nos melhor, o que possibilita usos mais variados, críticos e criativos deles. Aprendem a estudar e a trabalhar em circunstâncias variadas e dinâmicas.

Laiz da S. Chohfi, psicóloga e parceira da Secretaria da Assistência Social da USP – SAS/USP, com quem venho trabalhando muitas vezes em terraços, tece uma importante consideração. Diz do quanto oportunidades de desenvolver atividades em ambientes irregulares, em que acontecimentos surpreendentes são mais frequentes do que nas salas de aulas e de atendimento, ambientes mais controlados e controladores, podem ser importantes na formação de psicólogos para as condições de trabalho quentes, vivas e com riscos, de instituições como as de serviços públicos, por exemplo.

Observa ser comum psicólogos desorganizarem-se e precisarem de um processo de adaptação, muitas vezes sofrido, para aprenderem a movimentar-se bem em locais de trabalho em que não têm sala, ou sala fixa, e/ou em que são interrompidos em suas atividades por acontecimentos imprevistos ou em que a imprevisibilidade é previsível. Indaga, com razão, se as condições físicas de trabalho que buscam a “assepsia” não estariam relacionadas ao

modelo do psicólogo de consultório particular como ideal da profissão. Estaríamos diante de questões de compromisso ético-político?

Retomemos, ainda, reflexões sobre que tipo de relação com e produção de conhecimento a apropriação dos espaços abertos e verdes podem propiciar. No IPUSP convivem diferentes perspectivas teóricas —e isso é bom. Seriam o ensino-aprendizagem e a pesquisa de teorias e práticas na perspectiva da integralidade mais coerentes, se revissem e mudassem características de sua metodologia mais apropriadas às linhas de base filosófica cartesiana, racionalista?

O entusiasmo, no entanto, não me faz perder a lucidez de que não é possível postular uma panaceia universal. São múltiplas as questões e os caminhos do processo de ensino-aprendizagem, da produção de conhecimentos e das práticas a serviço da sociedade, na direção da humanização e da solidariedade nas relações, do pleno desenvolvimento de todos e todas em sua infinita diversidade e da sustentabilidade.

Sentido e relação com a vida, por exemplo, são aspectos vitais para uma formação de qualidade e que interesse aos alunos. A ampliação das oportunidades de transcender o espaço da escola (inclusive suas áreas livres) e poder imergir e intervir em outros lugares em que o psiquismo se constitui, é uma aspiração dos alunos do IPUSP, com vistas a uma melhor formação. A continuidade e o aprofundamento da democratização nas relações internas dessa instituição, são outros caminhos fundamentais. A continuidade de espaço e apoio a iniciativas relacionadas a grupos oprimidos, como mulheres, transgêneros e pessoas oriundas das camadas populares, são outro exemplo. Há muitos mais.

Seguem algumas propostas, surgidas das densas e instigantes experiências aqui expostas:

- dar prioridade à identificação ou criação de áreas verdes e terraços na instituição e/ou em seu entorno;
- dar prioridade à manutenção das áreas verdes e terraços, para que estejam sempre convidativos: cuidar a altura do capim, a retirada de entulhos e a conservação de equipamentos e parapeitos dos terraços, por exemplo;
- identificar, apoiar, incentivar a criação, dar condições e visibilidade, dentro do possível, à implantação de projetos dos participantes da comunidade da instituição, sejam alunos, professores ou outros funcionários. Um exemplo seria, no caso do IPUSP, a concretização do Cobogó/orquidário proposto por Paulo, observando as características de trabalho comunitário que o projeto sublinha;
- identificar, dar visibilidade e promover discussões sobre projetos e atividades na mesma direção que acontecem em outras instituições, que possam ser inspiradores, assim como concepções que os embasam e/ou que deles têm emergido.
- pensar com a comunidade da instituição como criar, nessas áreas, espaços que convidem ao encontro. Um exemplo seria a instalação de bancos em círculo de material agradável, em contraposição aos frios, duros e ásperos bancos de concreto que hoje temos no IPUSP. A horta aproveitou bem tocos de troncos fatiados, de árvores da própria Cidade Universitária que haviam sido cortadas. Ana Maria Tejada, aluna de pós graduação, sugeriu carretéis de cabos elétricos, que por vezes são doados por lojas desse tipo de material. Podem ser impermeabilizados e pintados, ficando muito bonitos.



Iara R.S. de Souza, do Curso de Aperfeiçoamento OQE, sugeriu construções de adobe. Caramanchões podem ser uma bela solução para ampliar o uso dessas áreas, uma vez que, por serem cobertos, oferecem alguma proteção a condições climáticas não tão favoráveis. Disponibilizar esteiras de palha ou de outro material que não dificulte o efeito fio-terra que sentar no chão produz, tão benéfico e gostoso, é uma medida que merece ter sua viabilidade estudada. Cristiane Uemura, aluna da graduação que cursa Estágio Supervisionado I em OQE, sugere o mesmo estudo para redes;

A promoção de melhorias e superação de entraves no tripé sobre o qual a Universidade de São Paulo, como outras instituições de Ensino Superior, pretende apoiar-se (ensino, pesquisa e extensão) é um dos objetivos deste escrito que vai se findando. Foi elaborado em estreita relação com a área da Psicologia na interface com a Educação, a que sou fortemente vinculada.

Finalizando, ocorre-me contar que nessa época de fim de ano, em que há décadas me sobrevém um misto de tensão, ansiedade e cansaço devido ao acúmulo de tarefas e proximidade de prazos finais para elas, tão comuns em nosso meio, estou calma e relaxada. Só me ocorre atribuir essa novidade à ampliação do contato com a natureza que pude introduzir no meu cotidiano. Além das situações sobre as quais tanto falei aqui, passaram a fazer parte dele almoços na horta/jardim, visitas a praças em fins de semana e a descoberta de seres como as árvores da minha rua, com quem há muito convivia sem ver e nem mesmo ter-me dado conta, antes, de que são seres vivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, D. Palestra no I Seminário Criança e Natureza, promovido pelo Instituto Alana. São Paulo, 13/06/2016
<http://criancaenatureza.org.br/nossas-acoes/i-seminario-crianca-e-natureza/#!> Acesso em 07/11/2016

BARRETTO, K.D. Rabindranath Tagore: Deus-Natureza-Homem. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo –PUC-SP. PUC-SP, 2002

COSTA, A.C.G. Por uma educação interdimensional. In: COSTA, A.C.G. *Educação - Uma perspectiva para o século XXI*. São Paulo: Editora Canção Nova, 2008.

LIMONGI, L. *Sobre plantas e pessoas: carta à comunidade da Psico USP*. 2015, mimeo

LOUV, R. *A última criança na natureza*. São Paulo: Ed. Aquariana, 2016. p. 150

PARK, TSUNESUGU, KASETANI, HIRANO, KAGAWA, SATO, MIYAZAKI. Physiological Effects of Shinrin-Yoku (Taking in the Atmosphere of the Forest) –Using Salivary Cortisol and Cerebral Activity as Indicators-. In *Journal of Physiological Anthropology*, 26(2). 2007. p. 123-128

Portal G1. Cientistas japoneses afirmam que “banho de floresta” combate doenças. 25/10/2013.

<http://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2013/10/cientistas-japoneses-afirmam-que-banho-de-floresta-combate-doencas.html> Acesso em 07 de novembro de 2016

SOUZA, B.P. Apresentando a Orientação à Queixa Escolar. In: SOUZA, B.P. *Orientação à Queixa Escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 100

_____ Puxando o tapete da Medicalização do Ensino: outra Educação é possível. In *Revista Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente-SP, v. 25, n. 1, jan./abr. 2014, p. 299-316